

## **RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA EJA: vivência e prática na rede municipal de ensino de Belo Horizonte - MG<sup>1</sup>**

Jéssica Martins Queiroz<sup>2</sup>

Ana Letícia Rocha<sup>3</sup>

Manuela Lopes Silva<sup>4</sup>

Rafael Henrique de Resende Marciano<sup>5</sup>

Juliane Gomes de Oliveira<sup>6</sup>

### **RESUMO**

Apresentamos aqui uma narrativa de experiência sobre as vivências proporcionadas pelo Programa de Residência Pedagógica (PRP) da Universidade Federal de Minas Gerais e financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), durante o período de março a julho de 2023. A residência foi realizada em uma turma externa de EJA de uma escola que faz parte da Rede municipal de educação de Belo Horizonte, Minas Gerais e que é organizada em agrupamento flexível, onde educandas e educandos da alfabetização e certificação ocupam um mesmo tempo e espaço. Serão apresentadas informações sobre o PRP, sobre a turma acompanhada e as especificidades dessa modalidade e dos sujeitos educandos e educandas da EJA, sobre o planejamento pedagógico e sobre as ações realizadas dentro e fora da sala de aula. A metodologia utilizada foi do tipo pesquisa-formação que serviu de base para análise crítica e reflexiva da experiência. Relacionamos as proposições de currículo e organização da EJA com a prática docente acompanhada e vivenciada. Concluímos que a formação profissional e acadêmica dos residentes deve preparar os futuros educadores para atender as demandas dos educandos da EJA, entendendo e reconhecendo que são sujeitos de direitos que possuem suas especificidades, uma história de vida e muitos saberes. Com formação e ação baseados nos princípios teórico-metodológicos da Educação Popular numa postura de autorreflexão e cultivo de uma relação horizontal, de respeito, diálogo e amorosidade.

**Palavras-chave:** Residência pedagógica, Educação de Jovens e adultos, Planejamento pedagógico, Formação docente.

---

<sup>1</sup> O artigo tem como base as experiências desenvolvidas no Programa Residência Pedagógica, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

<sup>2</sup> Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Bacharel em biblioteconomia pela UFMG, bolsista (residente) do Programa de Residência Pedagógica em EJA, [jessicaqueiroz@gmail.com](mailto:jessicaqueiroz@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, bolsista (residente) do Programa de Residência Pedagógica em EJA, [leticia-rocha33761@gmail.com](mailto:leticia-rocha33761@gmail.com);

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, bolsista (residente) do Programa de Residência Pedagógica em EJA [manuelalopes@ufmg.br](mailto:manuelalopes@ufmg.br);

<sup>5</sup> Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, bolsista (residente) do Programa de Residência Pedagógica em EJA [rafaelhmarc@gmail.com](mailto:rafaelhmarc@gmail.com);

<sup>6</sup> Professora orientadora: Pedagoga (2008), Mestre (2011) e Doutora (2020) em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Prefeitura Municipal de Belo Horizonte - PBH, bolsista (preceptora) do Programa de Residência Pedagógica em EJA, [julianegomesoliveira16@gmail.com](mailto:julianegomesoliveira16@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

O Programa de Residência Pedagógica (PRP) do Núcleo de Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (NEJA) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) tem por objetivo contribuir “[...] para o aperfeiçoamento da formação inicial de professores da educação básica nos cursos de licenciatura” (Brasil, 2022, p. 1). Fazem parte do PRP os residentes, discentes com matrícula ativa em curso de licenciatura; coordenador institucional, docente da IES responsável pela execução do projeto institucional de Residência Pedagógica; docente orientador, docente da IES responsável por planejar e orientar as atividades dos residentes de seu núcleo de residência pedagógica; e preceptor, professor da escola de educação básica responsável por acompanhar e orientar os residentes nas atividades desenvolvidas na escola-campo (Brasil, 2018).

No PRP, ao acompanhar uma turma de Educação de Jovens e Adultos e idosos (EJA) o residente tem a oportunidade de vivenciar a prática pedagógica voltada a essa modalidade de ensino, o que proporciona uma visão ampla e aprofundada da realidade educacional. O PRP também propicia ao(a) residente relacionar a teoria estudada no curso de pedagogia com a prática vivenciada e também a troca de conhecimentos entre a Docente Orientadora, a Preceptora e os Residentes, problematizando as experiências e ações e refletindo continuamente sobre o papel de educadores/as e educandos/as. Assim, a formação inicial de professores da educação básica proporcionada pelo PRP se apresenta como um processo contínuo e permanente que já se inicia no primeiro encontro dos residentes com a preceptora e coordenação de núcleo e na escola campo com educandas e educandos da EJA. Além disso, é papel dos residentes produzirem junto com os professores preceptores da educação básica que o recebem, um conhecimento resultante da experiência da residência (Brasil, 2022). O PRP também tem por objetivo “induzir a pesquisa colaborativa e a produção acadêmica com base nas experiências vivenciadas em sala de aula” (Brasil, 2018, s.p.), apresentada aqui nos moldes da “pesquisa-formação” conceituada por Dominicé (2000) e Josso (2012) e apresentada em artigo de Passeggi (2016), justificando assim a elaboração e divulgação desse relato de experiência.

Os bolsistas do PRP acompanham a turma externa da EJA vinculada à Escola sede, no período matutino, em sala cedida pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) localizado no Bairro Vila Fazendinha em Belo Horizonte, vila que compõe o Aglomerado da Serra, a maior favela de Minas Gerais. Educandas e educandos também participam de atividades externas no período noturno, juntamente com a turma da EJA da escola sede. Durante

o primeiro semestre de 2023, as/o bolsistas puderam vivenciar com os educandos essas experiências de visitas às exposições e passeios fora do espaço escolar e também as experiências na Escola sede como, por exemplo, a festa junina e a atividade que teve como tema gerador o feijão andu (ou guandu) e que será relatada aqui.

A turma acompanhada é composta majoritariamente por pessoas mais velhas e idosas, moradoras da região do Aglomerado da Serra. Outra peculiaridade da turma de EJA é a sua organização em “agrupamento flexível”, unindo num mesmo tempo e espaço, educandas e educandos da alfabetização e da certificação o que possibilita “[...] que a escola oriente o trabalho, considerando os percursos próprios de cada estudante, suas necessidades educativas e processos individualizados de aprendizagem, próprios da educação requerida para jovens e adultos” (Prefeitura de Belo Horizonte, 2016, p. 51).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é utilizada como referência para a construção de currículos para o ensino básico nacional apresentando competências e habilidades que devem ser desenvolvidas nessa etapa de ensino onde a EJA se insere, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Brasil, 1996), mas apesar de ser utilizada como base para a construção de currículos do ensino básico, foi possível observar durante a PRP que o que acontece na prática escolar é a construção de um currículo específico para EJA, separado e diferenciado do currículo do ensino fundamental e médio no que é considerado pela LDB a “idade própria” ou “idade regular” (Brasil, 1996), o que demonstra a compreensão das/os educadoras/es de que a EJA possui seu próprio tempo e modo de ser, e o entendimento das “[...] especificidades dos sujeitos da aprendizagem, sua história e condição socioeconômica, sua posição nas relações de poder, sua diversidade étnico-racial, cultural, geracional, territorial” (Di Pierro, 2006, p. 281). Da Silva (2017) destaca a importância de um corpo docente especializado na EJA, com formação baseada nos princípios da educação popular. Segundo Freire (1967) o/a educador/a deve reconhecer que onde se ensina também é lugar de formação para o docente, deve compreender o fenômeno educativo como produzido social e culturalmente. Dessa forma, observamos também que o currículo da EJA, muitas vezes é construído no dia a dia, um currículo vivo onde a educadora se preocupa em não apenas transmitir os conteúdos, mas reconhece os interesses de educandas e educandos, seus conhecimentos prévios e sua cultura e/ou sua regionalidade.

Os conhecimentos prévios dos estudantes permitem aos educadores identificar seus modos de pensar ou conhecer, suas lacunas ou limitações; compartilhar diferentes concepções; e, sobretudo, localizar, de marcar e planejar seu trabalho, considerando

Essa forma de construção do currículo e elaboração das atividades puderam ser observadas na experiência relatada mais adiante, onde a atividade foi construída na base do diálogo entre a comunidade escolar. Ou quando a educadora percebe em várias situações do cotidiano escolar e atenta às conversas entre educandos e educandas, o interesse deles por ervas medicinais, e esse diálogo e contribuições geram a sistematização dos saberes tradicionais e científicos na construção de uma apostila, contendo, por exemplo, um gráfico que aponta as ervas mais ou menos utilizadas pelas educandas e educandos para fazer chás e esse gráfico é analisado junto com elas/es de forma interdisciplinar. “O cotidiano da EJA é, assim, tomado como fonte geradora de temas a serem trabalhados pedagogicamente” (Oliveira, 2021, p. 15).

A elaboração das apostilas e atividades fazem parte da proposta de uma educação na linha do contra-hegemônico, que trabalha “*para, com e na diversidade*” (Brasil, 2016, p. 73) já que é construída a partir da consideração dos sujeitos educandas e educandos da EJA, com base em seus interesses e com sensibilidade a suas realidades sociais. A experiência do PRP nos coloca em contato direto com educadores e educadoras que seguem princípios da educação popular e “se utilizam de práticas teórico-metodológicas da educação popular para humanizar a educação formal.” (Schonardie, 2015, p. 3).

## **METODOLOGIA**

O texto aqui apresentado foi construído com base na experiência proporcionada pelo PRP de vivência e diálogo com as educadoras/es e educandas/os das turmas de EJA acompanhadas. A experiência do PRP pode ser considerada do tipo pesquisa-formação, definida por Dominicé (2000) e Josso (2012) e apresentada no artigo de Passeggi (2016) como “prática de narrativas em que o narrador toma suas experiências como objeto de reflexão” (Passeggi, 2016, p. 73). Essa forma de pesquisa envolve o

[...] reconhecimento da experiência adquirida no mundo do trabalho [...] [e] permite elastecer a temporalidade das aprendizagens na perspectiva de uma formação ao longo da vida (*life learning*), e admitir que as aprendizagens se fazem em todos os ambientes e nos mais diversos aspectos da vida (*lifewide learning*) (Passeggi, 2016, p. 75).

e envolve a constituição do “sujeito biográfico” (Passeggi, 2016) que aqui identificamos no papel do residente pedagógico, um sujeito da experiência que intercambia preceitos e saberes

da formação acadêmica com a formação profissional e suas vivências. As ações pedagógicas realizadas têm como pressupostos os princípios da educação popular como elencado no conjunto de ações da Pauta Nacional da EJA, como

[...] o direito à Educação que visa a emancipação popular; a participação popular nos espaços públicos; a equidade nas políticas públicas fundamentada na solidariedade, na amorosidade; o conhecimento crítico e transformação da realidade; a avaliação e sistematização de saberes e práticas; e a justiça política, econômica e socioambiental. (Da Silva, 2017, p. 23).

As experiências relatadas aconteceram entre os meses de março e julho de 2023 em horário noturno às quintas-feiras e iremos focalizar na experiência que ocorreu quando uma educanda da EJA do período noturno trouxe de sua viagem à Montes Claros, cidade localizada na região norte do estado de Minas Gerais, um saco de feijão andu para presentear a educadora da turma. Diante da grande quantidade, a educadora sugeriu fazer uma atividade com as educandas e educandos que envolvesse entre outras coisas, a troca de saberes sobre a leguminosa e suas possíveis formas de preparo. A preceptora da turma externa da EJA acompanhada pelos residentes, contou à turma sobre a conversa iniciada na escola sede e as educandas e educandos se mostraram muito empolgados.

Os diálogos entre a comunidade escolar e a construção do plano de aula ocorreram ao longo da semana, de forma colaborativa seguindo preceitos da educação popular conceituada por Schönardie (2015) como lugar de construção social coletivo, tornando a escola um “espaço de sociabilidade, transformação social e construção do conhecimento” (Prefeitura de Belo Horizonte, 2016, p. 24). Muitos/as educandos e educandas disseram já conhecer a leguminosa e já terem feito feijão tropeiro com ela, mencionando os ingredientes e as formas de preparo que costumam utilizar.

Por meio dos diálogos sobre o planejamento da aula envolvendo a leguminosa, muitos souberam pela primeira vez que no terreno da escola sede havia uma pequena plantação de feijão andu. Uma das educadoras tirou uma foto da plantação que foi utilizada na atividade planejada para o encontro. A princípio os próprios educandos e educandas ajudariam no preparo da refeição na cantina da escola, porém a dificuldade de chegarem muito antes do horário da aula contribuiu para mudar o planejado. As cantineiras preparam a refeição para ser servida pouco antes do início da aula como de costume, mas sem o auxílio dos educandos e educandas. Essa prática de servir a refeição antes da aula se dá devido a muitos educandos e educandas do período noturno irem para a escola direto do trabalho, outros motivos ou por falta de alimentos



em casa sendo esse o seu jantar. Essa ação assim como outras flexibilizações relativas às propostas curriculares, ao tempo e espaço vão “ao encontro das necessidades, das exigências e dos interesses desses sujeitos” (Soares, 2011, p. 307) e configura-se como uma prática de inclusão desses sujeitos que juntamente com outras formas de organização presenciadas por nós, redefinem a “rigidez do sistema público de educação” (Arroyo, 2005, p. 47).

No dia combinado chegamos mais cedo na escola sede e aguardamos os educandos e educandas na cantina. À medida que iam chegando, se juntavam a conversa sobre a refeição dizendo se gostaram ou não, sobre os ingredientes utilizados, se utilizavam ingredientes diferentes e assim íamos retomando a conversa que se iniciou nas aulas anteriores da turma externa. Foi planejada uma aula de artes em sala que envolvia desenho e pintura e quatro educandas da turma externa da EJA participaram das atividades. Depois da refeição fomos para a sala onde ocorreria a aula.

A educadora da turma do noturno ficou responsável pela pesquisa sobre a leguminosa e também pela exposição das informações encontradas no início da aula. Ela exibiu um vídeo que indicava os benefícios e nutrientes da leguminosa e então retomou o diálogo sobre os conhecimentos prévios dos educandos e educandas perguntando se eles conheciam todos os benefícios apresentados ou se conheciam outros, se gostavam de comer o feijão andu e quais formas de preparo conheciam e quais os ingredientes utilizados.

Nesse dia, as educandas da turma externa da EJA não levaram material escolar pois haviam entendido que seria uma aula dialogada sem atividades que envolvessem escrita. Situação que foi rapidamente contornada, pois as educadoras disponibilizaram os materiais disponíveis na escola para empréstimo como lápis, borracha e outros. Após o diálogo inicial a educadora projetou a foto tirada da plantação no terreno da escola. Alguns educandos e uma das educadoras mesmo conhecendo a leguminosa apresentaram surpresa ao descobrir que ela provinha de árvore arbustiva. A educadora então explicou como se daria a atividade de artes, dizendo que os educandos e as educandas teriam a oportunidade de fazer uma pintura com base na imagem projetada. Foi passado um vídeo do *Youtube* intitulado “Como fazer risco de paisagem para pintar, paisagem 10”, onde é mostrado o passo a passo do processo de desenho de paisagem e as/os educadoras/es distribuíram folha branca, lápis e borracha. A educadora foi pausando o vídeo à medida que surgiam dúvidas. Ela explicou a importância do risco na folha para traçar a linha do horizonte que separa o céu e a terra.

Algumas educandas iniciaram a atividade timidamente, pois não se sentiam confiantes e surgiram diálogos do tipo “vamos fugir daqui”, “não sei desenhar isso não” e até “não estou

enxergando”. Essa última fala está ligada a um dos desafios encontrados na EJA composta por educandos e educandas que em sua maioria não possuem condição financeira para realizar o pagamento de um exame de vista ou a compra de óculos com o grau adequado a sua necessidade, que antes poderia ser suprida por um programa do Governo Federal chamado “Programa Olhar Brasil” que possuía “o objetivo de identificar e corrigir problemas visuais relacionados à refração, bem como garantir assistência integral em oftalmologia e, com isso, favorecer a aprendizagem impedida pela ausência de acuidade visual” (Brasil, 2016, p. 86). Infelizmente o programa foi extinto em 2019 pelo Governo Federal, uma grande perda para educandas e educandos que dele poderiam fazer uso.

Pudemos ouvir outros diálogos que faziam referência ao vídeo assistido como “esse aí é pintor mesmo, aqui não dá nem sal” e “se eu for viver de pintor eu morro de fome”. Nesse momento da aula foi necessário agir com sensibilidade diante das dificuldades apresentadas e indicamos que não era preciso se preocupar em fazer “muito certinho” ou desenhar exatamente igual a imagem mostrada. A educadora que conduzia a atividade falou sobre as várias possibilidades de expressão artística e que cada um poderia expressar no desenho sua forma de ver a imagem incentivando o exercício da criatividade, o que foi reforçado por outras/os educadoras/es e residentes que participavam.

Artes visuais, a Dança, a Música e o Teatro. [...] articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte (Brasil, [2018], p. 193).

O próximo vídeo exibido mostrava o passo a passo de como pintar a paisagem em tela e então os educandos e educandas tomaram posse de pincéis e tintas. A maioria dos educandos acharam melhor utilizar elementos das duas imagens mostradas (foto e vídeo) no momento de fazer o desenho e a pintura, assim surgiam pés de andu ao redor da imagem de uma pequena casa. As tintas distribuídas eram das cores preta, azul, branca, marrom, verde e amarelo e a educadora falou sobre a mistura das tintas. Os educandos e as educandas iam experimentando misturar as cores e um azul escuro ficava mais claro misturado com o branco, na falta da cor verde que assim como a cor azul estavam sendo as mais utilizadas, eles/as descobriram o verde feito da mistura das cores primárias azul e amarelo. Uma das educandas perguntava a todo momento “e agora? o que eu faço” e dizia “está feito”, demonstrando medo de experimentar e de usar sua criatividade sem antes receber um aceno positivo, algum tipo de permissão ou

incentivo. Este diálogo, assim como os anteriormente citados demonstram “baixa autoestima, muitas vezes reforçada por um histórico de fracassos escolares, o que provoca sentimentos de desvalorização e insegurança” (Prefeitura de Belo Horizonte, 2016, p. 24) e para ajudar as educandas e educandos, abrimos diálogo sobre a importância de relativizar a ideia de beleza para valorizar suas criações e incentivar que se arrisquem para superar o que para eles/as é visto como um desafio. Uma das educandas nos informou que nunca havia pintado na vida e que comprou panos de prato e tintas de tecido para pintar flores, mas nunca tentou pintar por medo, por não saber pintar. Essa mesma educanda teve uma vida difícil, pois como nos contou em outra ocasião, ela foi levada para a casa de uma senhora muito nova para trabalhar e não lhe foi permitido estudar. A realidade de grande parte dos educandos e educandas da EJA é o retrato “da própria realidade social do país [...] que lhes negou direitos socioculturais importantes para o delineamento do projeto de vida pessoal” (Oliveira, 2021, p. 8).

As atividades como as relatadas e que são promovidas em conjunto com as demais turmas da EJA da escola sede proporcionam experiências que são fundamentais para o desenvolvimento de competências e habilidades, promovem a emancipação dos sujeitos por meio do desenvolvimento do senso crítico, da sensibilidade à realidade, do diálogo e da conscientização de direitos como o direito de acesso a bens culturais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Programa de Residência Pedagógica proporcionou aos residentes vivenciar a prática pedagógica no município de Belo Horizonte, que na modalidade de ensino da EJA, busca a mudança de um modelo tradicional de currículo e escola (Prefeitura de Belo Horizonte, 2016) para um currículo dinâmico e por isso vivo, construído com elementos que se apresentam no dia a dia dos encontros. Um currículo aberto, com “significado e sentido para as/os estudantes da EJA” (Oliveira, 2021, p. 10) com educadores/as preparados/as para as adversidades que possam ocorrer, sendo reformulado sempre que necessário, para atender da melhor forma possível, as necessidades dos educandos e educandas da EJA, sujeitos que demandam outros modos e outros tempos (Arroyo, 2005). Com essa experiência percebemos que a proposta e a prática pedagógica devem buscar a valorização da cultura e dos conhecimentos prévios de educandas e educandos, com atividades planejadas de acordo com seus interesses e demandas, seguindo alguns princípios da educação popular como a construção coletiva (Schönardie, 2015) com abertura ao diálogo, com uma postura auto-reflexiva de todos os envolvidos e de



sensibilidade, amorosidade (Freire, 1967) por parte de professores educadores e residentes. Levamos dessa experiência que mais do que agir sobre os sujeitos, devemos agir para e com eles buscando caminhos que lhes garantam a pluralidade de seus direitos (Arroyo, 2005), devemos ultrapassar o modelo tradicional de educação fixado na transmissão da informação e focar no compartilhamento, no diálogo e nas possibilidades de experiências. A experiência da residência pedagógica se torna o lugar da constituição do “sujeito biográfico” (Passeggi, 2016) que age refletindo, pesquisando e narrando e assim intercambia preceitos e saberes da formação acadêmica com a formação profissional e suas vivências, compreendendo as especificidades dos sujeitos educandos e educandas da EJA e devendo cultivar uma relação horizontal, de respeito, diálogo e amorosidade para com eles e elas.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos à CAPES pelo financiamento e promoção de programas como o Residência Pedagógica, que contribuem para a construção de uma educação de qualidade no Brasil.

## **REFERÊNCIAS**

ARROYO, Miguel. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. *In*: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro; GOMES, Nilma LINO. *Diálogos na educação de jovens e adultos*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Brasília: MEC, [2018]. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 24 jun. 2023.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). *Edital 24/2022. Residência Pedagógica. Chamada pública para apresentação de projetos institucionais*. [Brasília, DF]: CAPES, 29 abr. 2022. 8 p. Disponível em: [https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/editais/29042022\\_Edital\\_1692979\\_Edital\\_24\\_2022.pdf](https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/editais/29042022_Edital_1692979_Edital_24_2022.pdf). Acesso em: 05 mar. 2023.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). *Programa de Residência Pedagógica*. [Brasília, DF]: CAPES, 01 mar. 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>. Acesso em: 20 maio 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei no 9.394 de 20 de dezembro de 1996*: Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Planalto, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Hospitais Universitários. *Projeto Olhar Brasil*. Brasília, DF, 15 out. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-sul/hu-furg/acao-a-informacao/acoes-e-programas/programas-projetos-e-acoes/projeto-olhar-brasil>. Acesso em: 21 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. *Documento Nacional Preparatório à VI Conferência Internacional de Educação de Adultos*. Brasília: MEC, 2016. 152 p. Disponível em: <https://www.catedraunescoejja.com.br/documento/843dc405b372e9d7b884ae2c35ce0d3c393250.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2023.

COMO FAZER risco de paisagem para pintar, paisagem 10. Produzido por Oziel Félix. [S. l.; s. n.], 6 de mar. 2020. 1 vídeo (3 min 48 seg). Publicado pelo canal Oziel Felix Artista Plástico. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8AykvDJyNpw>. Acesso em: 15 jul. 2023.

DA SILVA, Analise. A pauta nacional da EJA. In: DA SILVA, Analise; HELI, Sabino. *Caderno de Textos - I Encontro Mineiro sobre Educação de Jovens, Adultos e Idosos*. Belo Horizonte, 2017. p. 22-32. Disponível em: <https://neja.fae.ufmg.br/wp-content/uploads/2017/12/CADERNO-SEM-MARCA.pdf#page33>. Acesso em: 14 mar. 2023.

DI PIERRO, Maria Clara. Contribuições do I Seminário Nacional de Formação de Educadores de Jovens e Adultos. In: SOARES, Leôncio. *Formação de educadores de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica/SECAD-MEC/UNESCO, 2006. Disponível em: [http://forumeja.org.br/un/files/Formacao\\_de\\_educadores\\_de\\_jovens\\_e\\_adultos\\_.pdf](http://forumeja.org.br/un/files/Formacao_de_educadores_de_jovens_e_adultos_.pdf). Acesso em: 13 jul. 2023.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

OLIVEIRA, Heli Sabino de Oliveira (org.). *EJA, espaço e cultura: direito à cidade*. Belo Horizonte: SMED-PBH, FAE/UFMG, 2021. 145 p. (Coleção EJA. Lendo mundo, lendo palavras: Caderno Pedagógico 1). Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/educacao/2021/cadernos-pedagogicos-1-eja-espaco-e-cultura-direito-a-cidade.pdf>. Acesso em: 14 maio 2023.

PAISAGEM em tela fácil, como Pintar sítio técnica acrílico para iniciantes 10. Produzido por Oziel Félix. [S. l.; s. n.], 4 mar. 2020. 1 vídeo (22 min 45 seg). Publicado pelo canal Oziel Felix Artista Plástico. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Juj27Py5K8o&t=592s>. Acesso em: 15 jul. 2023.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. *Roteiro*, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016. DOI <http://dx.doi.org/10.18593/r.v41i1.9267>. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267/pdf>. Acesso em: 14 jun. 2023.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação - SMED. *Proposições curriculares para a educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: SMED, 2016. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/educacao/proposicoes-eja.pdf>. Acesso em: 14 maio 2023.

SCHÖNARDIE, Paulo Alfredo. Educação popular como política pública: análise crítica. *In*: 37ª Reunião Nacional da Anped. GT06 - Educação Popular. UFSC, Florianópolis, Santa Catarina. *Anais...*, 04 a 08 de outubro de 2015. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT06-3501.pdf>. Acesso em: 15 maio 2023.

SOARES, L.. As especificidades na formação do educador de jovens e adultos: um estudo sobre propostas de EJA. *Educação em Revista*, v. 27, n. 2, p. 303–322, ago. 2011.